

rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

"A teoria se converte em uma força material tão cedo seja apreendida pelas massas". (KARL MARX)

Órgão central da União Reconstrução Comunista (URC)

rumosdaluta@gmail.com

Número #38

AGOSTO-SETEMBRO-OUTUBRO/2025

AS LUTAS EM CURSO E A DISPOSIÇÃO PARA RESISTIR AOS ATAQUES À CLASSE TRABALHADORA



Sabemos, pelas greves que conseguimos rastrear e pela disposição da classe em responder quando a pauta é de seu interesse, que as lutas estão em curso e que não existe interesse em unificá-las, sabemos também que pautas abstratas e que não dialogam com a realidade da classe trabalhadora, como uma inverídica e fantasiosa luta contra o fascismo, não mobilizam as massas, inclusive por que os trabalhadores percebem diariamente a pouca ou nenhuma diferença entre o joio e o joio, ou seja, os dois blocos inscritos para administrarem os interesses burgueses no Brasil.

Leia mais na página 4

A condenação de Bolsonaro, a “PEC da blindagem” e a luta de classes no Brasil

leia o editorial na página 2



DEFENDER A REVOLUÇÃO CUBANA!

página 8

Para onde vão os impostos que pagamos?

NACIONAL página 3

Violência e conflitos seguem sangrando o campo brasileiro

NACIONAL página 3

A “guerra às drogas” de Trump na Venezuela

INTERNACIONAL página 5

Dolores Ibárruri: a voz da resistência antifascista

MULHERES página 7

A condenação de Bolsonaro, a “PEC da blindagem” e a luta de classes no Brasil

A cena política brasileira, no mês de setembro, foi dominada por dois acontecimentos principais: a condenação do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, juntamente com outras pessoas envolvidas nos atos de 8 de janeiro de 2023, em Brasília, e a aprovação, na Câmara dos Deputados, da assim chamada “PEC da blindagem”, que buscava impedir eventuais processos criminais contra parlamentares. A PEC foi enterrada em 24 de setembro, na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado.

A tramitação da PEC em questão, teve repercussão negativa na população o foi alvo de atos públicos durante o mês. Além disso, expôs ainda mais a podridão da Câmara e do Senado, com a revelação de acordo entre os presidentes das duas casas para a aprovação.

A condenação de Bolsonaro é motivo de comemoração para uma grande parte da sociedade brasileira, que, por sua vez, indignou-se com sua aprovação da “PEC da blindagem”, e respira aliviada com sua rejeição na CCJ do Senado.

Entre as pessoas condenadas, há militares de alta patente, algo inédito em nossa história, e que não deve ser minimizado. No entanto, não devemos também sobrevalorizar tal fato.

Entendemos que é preciso entender tais ocorrências levando em consideração as condições da luta de classes no Brasil, ou seja, a correlação de forças entre a burguesia e o proletariado.

Há algumas questões a serem consideradas, na medida em que boa parte, senão todos os deputados que votaram pela “blindagem”, tem votado com o governo em alguns projetos, por exemplo, na aprovação do Arcabouço Fiscal e do Marco Temporal.

Como sistematicamente afirmamos em nossas páginas, o governo Lula, o quinto do PT, não representa ameaça aos interesses da burguesia brasileira e de seus aliados imperialistas. Além disso, Lula, o PT e seus parceiros mais próximos da esquerda da ordem, são a melhor ferramenta para conter a luta proletária e popular em patamares aceitáveis para a burguesia. Controlado por tais organizações, o proletariado brasileiro não ameaça a democracia burguesa e nem mesmo consegue defender unificadamente os seus interesses de classe, atacados por todos os governos, em todos os níveis.

Aproveitando-se dessa situação, os mesmos setores burgueses que promoveram a ascensão de Jair Bolsonaro e sua gangue ao parlamento, e depois à presidência da república, agora os condenam, como inimigos da democracia e do estado de direito. Com isso buscam dar credibilidade à cambaleante democracia burguesa brasileira. A fala de Lula na ONU - Organização das Nações Unidas - foi exemplar a esse respeito.

Não podemos afirmar, no momento em que produzimos a edição 38 de Ru-

mos da Luta, se as referidas condenações serão suficientes para revigorar fortemente a democracia burguesa brasileira. Afinal, não é só no Brasil que se discute a crise das democracias.

Podemos afirmar todavia que, a crise das democracias, estão determinadas, menos pelos bandidos que ocupam nossos governos e parlamentos, e mais pela crise do capitalismo, que tende a se aprofundar, levando mais gente à miséria e ao desespero. Para as massas trabalhadoras que estão sem emprego ou trabalhando precariamente, por salários miseráveis, que sobrevivem pelas ruas ou em casebres insalubres, não importa quem governe, pois percebem que sua vida muda muito pouco, independentemente de qual partido esteja governando.

Para os revolucionários, que não são apenas e nem principalmente, analistas da conjuntura política, cabe a denúncia de uma situação calamitosa para a maioria do povo, situação que tende a piorar com as novas reformas regressivas que já estão sendo discutidas nos bastidores do poder. E cabe também o estímulo à luta para que tomem medidas que melhorem nossas condições de vida e trabalho.

Sem uma melhoria sensível no nível de vida da classe trabalhadora, que não vive de discursos, nada impede que, no futuro próximo, os condenados de hoje, possam ser vistos de uma outra forma.

Violência e conflitos seguem sangrando o campo brasileiro

Como todo ano, a publicação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) denominada Conflitos no Campo Brasil, apresentou dados referentes às violências e ações de resistência no campo no ano passado. Segundo o levantamento realizado a partir dos registros do Centro de Documentação Dom Tomás Balduino (Cedoc-CPT), foram registrados 2.185 conflitos no ano de 2024.

Segundo os dados do estudo, o registro do ano passado apresenta o 2º maior número de conflitos da série histórica da CPT, ficando atrás somente de 2023, quando foi registrado o recorde do número de conflitos no território brasileiro.

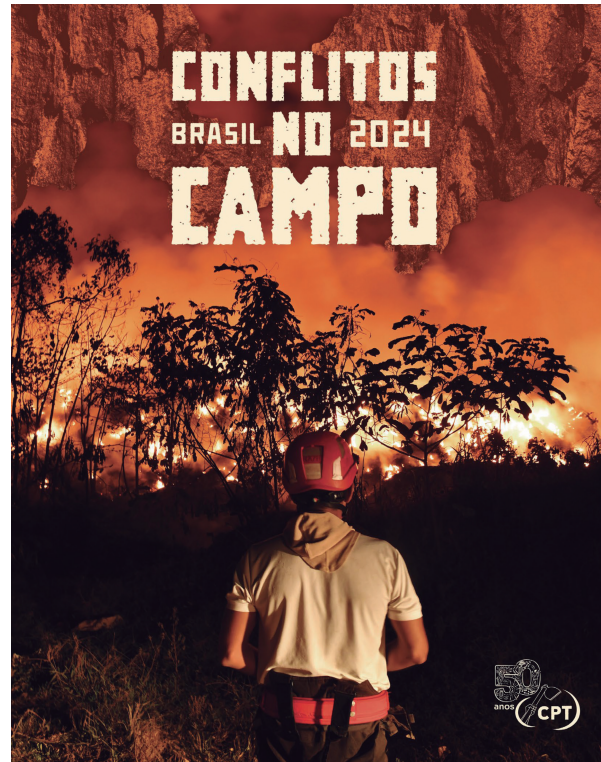
Para a CPT, “essa manutenção dos conflitos em patamares altos está diretamente relacionada ao aumento dos conflitos pela água, além da persistência do aumento dos conflitos pela terra, impactados pelo crescente número de violências contra a ocupação e a posse”.

Conforme a publicação, ocorreram 1.768 ocorrências de conflitos no eixo terra, o que representa um aumento

em relação ao ano anterior e também o maior número registrado na década. O estado do Maranhão lidera em número de registros de violência no eixo terra, com 363 ocorrências em 2024. Destacam-se também os estados do Pará, com 234 ocorrências; Bahia, com 135; e Rondônia, com 119 ocorrências.

Destaca-se também alguns elementos diante desse cenário da violência no campo: os agrotóxicos e a contaminação oriunda do seu uso foi o estopim para o crescimento de conflitos, especialmente no Estado do Maranhão, no qual comunidades tradicionais lutam contra as graves consequências das pulverizações áreas do veneno.

O estudo destaca também o papel dos jagunços de latifundiários e suas milícias em torno do grupo chamado “Invasão Zero”, que estão diretamente ligados a ataques violentos nos estados de Goiás, Maranhão, Bahia, Espírito Santo, Paraná, Pará e Pernambuco, em que as ações cuja autoria foi confirmada, enquanto que outros casos em outros es-



tados como Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Ceará e Santa Catarina, também registraram ataques coordenados de grupos de fazendeiros, seguindo os padrões de atuação do “Invasão Zero”.

Para onde vão os impostos que pagamos?

As pessoas de bom senso, sem acesso aos dados que respondem a pergunta que dá título a este pequeno artigo, responderiam que os impostos que pagamos deveriam servir para resolver os problemas que nos atingem, ou seja, os governantes deveriam usá-los para nos prover de serviços de saúde, educação, transporte, segurança, entre outros, necessários para uma vida digna.

No entanto, não é isso que ocorre. Já faz um bom tempo, que grande parte dos impostos servem para pagar os capitais, gerando lucros para os ricos do Brasil e de outros países, através daquilo que a “Auditoria Cidadã da Dívida”, chama de “sistema da dívida pública”.

O economista Ranulfo Vidigal discute tais questões frequentemente em seus artigos, publicados na página da Associação dos Engenheiros da Petrobrás (AEPET).

Em artigo de 05 de julho de 2024, ele escreveu: “O debate liderado pela mídia conservadora é muito claro: Ou seja, a prioridade é a estabilidade macroeconômica antes de tudo, principalmente antes dos direitos sociais e dos direitos dos trabalhadores”. Acrescentamos apenas que a “estabilidade macroeconômica” defendida pela imprensa burguesa é a estabilidade macroeconômica capitalista. No mes-



mo artigo, Vidigal denuncia que “nosso Banco Central” gera 800 bilhões de reais anuais de juros para “a turma do Bolsa Rentista” e lembra que “o valor transferido na forma de rendimentos oriundos dos encargos do endividamento interno supera em cinco vezes os orçamentos da Saúde e da Educação federais juntos”.

Em um momento em que se tem falado tanto sobre tarifaço e soberania, aproveitamos a oportunidade para sugerir aos nossos leitores que assistam o documentário do cineasta Carlos Pronzato, disponível no Youtube: “Dívida pública brasileira: a soberania na corda bamba”.

AS LUTAS EM CURSO E A DISPOSIÇÃO PARA RESISTIR AOS ATAQUES À CLASSE TRABALHADORA



As manifestações do último 07 de setembro, ainda que modestas, se considerarmos a necessidade urgente de reorganizar a classe trabalhadora para fazer frente aos ataques do capital e da sua classe, a burguesia, demonstraram que a classe trabalhadora, quando minimamente organizada, tem disposição para a luta.

Milhares de trabalhadores reuniram-se pelo Brasil afora unidos na luta contra a PEC da Bandidagem ou PEC da Blindagem, como ficou popularmente conhecida o Projeto de Emenda à Constituição (PEC) 3/2021.

É óbvio, então, que quando existe uma pauta que interessa ao conjunto da classe trabalhadora e quando as suas organizações, todas de orientação social-democrata, se dispõem a cumprir um papel que lhes amarga a boca feito fel, o de organizar a classe, as massas encontram forças para irem à luta.

Mas a quem interessa que essas lutas não ocorram?

Essa resposta é fácil: à burguesia e a quem gerencia de forma plena os seus interesses, no momento, a esquerda da ordem.

O Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) um importante instrumento de luta da classe trabalhadora, produz, semestral e anualmente, estudos sobre as lutas em curso, principalmente levantando e divulgando os números das greves no período, quais suas motivações e seus resultados, inclusive destacando se essas greves são propositivas ou defensivas, por exemplo: no primeiro semestre de 2024,

através da análise do Boletim 110, Balanço das Greves do Primeiro Semestre de 2024, disponível no site do DIEESE, sabemos que ocorreram 451 greves no período, sendo que 265 delas foram no setor público e 186 no setor privado, em 194 delas constavam na pauta reivindicações por reajustes salariais, em 148 melhorias nas condições de trabalho, em 110 melhorias nos serviços públicos e em 69 que se cumprissem os pisos salariais, ou seja, que os patrões pagassem ao menos o mínimo estipulado por categorias, ou seja, o piso salarial.

Sabemos, através do estudo do Boletim 109, Balanço das Greves de 2023, que durante o ano de 2023 ocorreram 1132 greves, sendo que 628 delas foram no setor público e 488 no privado e 16 no setor público e privado, neste caso o boletim reúne os dados de todo o ano de 2023.

Entretanto, já estamos no mês de outubro de 2025 e ao pesquisarmos no site do DIEESE percebemos que não contam os dados consolidados do ano de 2024 e muito menos os dados do primeiro semestre de 2025.

É como se não tivessem ocorrido greves a partir do segundo semestre de 2024, ou melhor, como se quisessem escondê-las.

De repente, dados que são divulgados frequentemente, e que nos ajudam a compreender a realidade das lutas em curso, deixam de ser divulgados, dificultando, aos que desejam fazer uma análise consequente da conjuntura, o acesso a dados que apenas o DIEESE consegue

consolidar, inclusive por ser um instrumento custeado e abastecido de informações pelos sindicatos.

Sabemos, pelas greves que conseguimos rastrear e pela disposição da classe em responder quando a pauta é de seu interesse, que as lutas estão em curso e que não existe interesse em unificá-las, sabemos também que pautas abstratas e que não dialogam com a realidade da classe trabalhadora, como uma inverídica e fantasiosa luta contra o fascismo, não mobilizam as massas, inclusive por que os trabalhadores percebem diariamente a pouca ou nenhuma diferença entre o joio e o joio, ou seja, os dois blocos inscritos para administrarem os interesses burgueses no Brasil.

A inexistência de dados atualizados das lutas em curso, no momento em que integrantes do corrupto e canalha governo anterior, em especial o facínora do ex-presidente Bolsonaro, passaram pelo julgamento da justiça burguesa, a mesma que anos atrás julgou, condenou e reabilitou o atual presidente Lula, e em um ano pré-eleitoral nos diz muito: primeiro, a luta contra o espantinho do fascismo se sobrepõe à luta pelos interesses da classe trabalhadora; segundo, os interesses eleitorais são mais importantes do que a luta contra o espantinho do fascismo e muito mais importante do que a luta pelos interesses da classe trabalhadora e por fim, mas não menos importante, a nossa dita esquerda teme tanto a capacidade de luta da classe trabalhadora quanto a burguesia e fará de tudo para continuar a impedir a unificação das lutas e a organização da classe trabalhadora.

Insistem que uma medida que atende principalmente as camadas médias da sociedade, o reajuste na tabela do Imposto de Renda, beneficiará aos trabalhadores, quando sabemos que 35% dos trabalhadores brasileiros ganham até um salário-mínimo, 70% ganham até dois e 90% até R\$ 3.500,00, sendo que atualmente o corte para isenção no Imposto de Renda é de R\$ 3.036,00, portanto, de fato, o percentual de trabalhadores com carteira assinada que serão beneficiados por essa medida é mínimo!

O que deveriam gritar a plenos pulmões? O que deveriam defender nas ruas?

REDUÇÃO DE JORNADA SEM REDUÇÃO DE SALÁRIOS! SALÁRIO IGUAL PARA TRABALHO IGUAL!

Estas sim, são medidas que teriam efeito imediato sobre as condições de renda, vida e trabalho da maior parte da classe trabalhadora brasileira, inclusive as camadas médias.

Se nossa principal aliada é a esquerda da ordem não nos resta outra coisa a fazer que não seja nos organizarmos para derrubá-la ao mesmo tempo que temos que derrubar o capital e a sua classe, a burguesia.



A “guerra às drogas” de Trump na Venezuela

Após o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, impor um acordo de cessar-fogo na Faixa de Gaza, quase obrigando o sionista Benjamin Netanyahu a interromper o genocídio que só foi possível pelo patrocínio estadunidense, os olhos sedentos do imperialismo se voltaram a um vizinho do Brasil.

O governo Trump aumentou a hostilidade contra a República Bolivariana da Venezuela, em um processo que já vêm desde o governo de Hugo Chávez, vide o golpe fracassado tentado em 2002 e as sanções impostas por Barack Obama, que seguiram sendo aplicadas pelos presidentes seguintes.

E agora os Estados Unidos parecem buscar a solução final para derrubar o governo eleito da Venezuela, e assim passar a usar completamente as receitas do petróleo venezuelano para enriquecer os monopólios capitalistas e investidores financeiros.

No final de agosto de 2025, os EUA mobilizaram seu arsenal militar, incluindo caças e navios de guerra, no Mar do Caribe, em um movimento provocativo contra a Venezuela.

Uma vez mais os ianques usam, sem qualquer evidência, a pretensa “Guerra às Drogas” para justificar sua política imperialista contra outras nações latino-

-americanas. Acusações como a de que o governo venezuelano está envolvido no tráfico de drogas foi historicamente usada contra países latino-americanos para justificar guerras contrarrevolucionárias dos Estados Unidos.

Diante dessa narrativa imposta pela grande mídia monopolista e a novelasca recompensa de 50 milhões de dólares pela captura de Nicolás Maduro, o governo Trump prepara uma intervenção direta, como os Estados Unidos impõem em sua Doutrina Monroe, e abrir mais um precedente em toda a região.

Nas últimas semanas, os EUA atacaram por via aérea embarcações diferentes ao largo das costas da Venezuela e assassinaram mais de 30 pessoas em ataques com drones. Oficialmente, o regime de Trump classificou todos os mortos como “narcoterroristas”, é muito provável que a maioria fossem pescadores ou imigrantes.

Independentemente das avaliações que se possam fazer sobre o governo de Maduro ou as contradições e limitações da chamada Revolução Bolivariana, o caso é que estamos diante de mais uma guerra de agressão em andamento nas mãos do imperialismo norte-americano.

E mais, a justificativa de “combate ao narcoterrorismo” só é mais uma maneira de criar uma explicação jurídica in-

terna para poder avançar contra a soberania de outros países.

E a tentativa recente do governo Trump de impor os critérios de “terrorismo” para aplicá-los a organizações criminosas no Brasil faz parte de todo esse plano geral.

Evidentemente, não há a menor vontade política de se combater o tráfico de drogas por parte dos Estados Unidos e de Donald Trump, uma vez que é justamente os Estados Unidos que sempre se beneficiaram direta e indiretamente com o narcotráfico nas Américas gerando um negócio altamente lucrativo que se enreda no capitalismo mundial e seus grandes atores.

Uma guerra na América Latina não trará nenhum benefício aos nossos povos, nem tampouco representará algo na luta contra os carteis de drogas, parte integrante da economia capitalista cujo Estados Unidos é um dos atores principais. Trata-se de mais uma ação desesperada do imperialismo norte-americano diante da crise sistêmica do capitalismo e seu declínio como potência, necessitando apelar cada vez mais abertamente para a força para conseguir saquear outros países e tentar uma recuperação econômica que está cada vez mais longe de se concretizar.

“Memórias de um Escritor” de Nelson Werneck Sodré



de 1935, da ditadura do Estado Novo, do putsh de 1938, da Segunda Guerra Mundial e de nossa participação nela; da reconstitucionalização e das lutas políticas subsequentes, com os golpes e as tentativas de golpe de 1945, de 1954, de 1955, de 1961, de 1964; da ditadura militar então instaurada. Tive a oportunidade de conhecer o passado relativamente distante, em depoimentos orais de testemunhas: conheci a guerra do Paraguai, na narrativa fluente e calorosa de Clemente Barbosa Martins; a vida do Império, segundo as reminiscências de minha bisavó Francisca de Almeida Lemos, que faleceu quase centenária e absolutamente lúcida; a escravidão pelos depoimentos de antigos senhores e particularmente de antigos escravos. Assisti as grandes transformações por que o Brasil passou neste século; as mudanças têm sido profundas, mal nos damos conta de quão profundas têm sido. E o mundo, então, nem se fala: somos, ao mesmo tempo, em épocas assim, contemporâneos do passado e do futuro. Como assisti a tudo com muita atenção e, no que diz respeito ao Brasil, com muita participação, suponho ter o que contar”. A citação anterior se encontra na contracapa de “Memórias de um escritor” de Nelson Werneck Sodré, publicada pela editora Ottoni, em 2011, ano do centenário do autor.

O livro foi escrito quando Sodré tinha 60 anos, por volta de 1971.

Nele, traça um quadro de sua formação como leitor, a iniciação nos meios familiares. Sodré foi parente de Raimundo Correia, poeta parnasiano brasileiro.

Na sequência, escreve sobre sua atividade como crítico literário, sua relação com escritores e editores, entre os quais está Graciliano Ramos.

E ainda sua defesa da cultura, expondo a forma como ela se expressava entre os conservadores e revolucionários com quem conviveu.

Enfim, como acreditamos, ficou claro na citação acima, tais memórias merecem ser lidas, e se comprazerão com sua leitura todos quantos se interessam pelas coisas do Brasil e pelas pessoas que delas participaram intensamente. Temos certeza de que não se arrependerão.

“Nasci em 1911, tinha três anos, ao irromper a Primeira Guerra Mundial; seis, quando surgiu a Revolução de Outubro; sete, quando terminou a guerra; onze, quando o Brasil completou um século de vida independente (sendo, entretanto, tão dependente ainda). Vivi o tempestuoso período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, com todas as manifestações de renovação econômica, política, social, artística, e também as de desespero, a busca angustiada da originalidade, em arte, e a luta violenta pelo

poder; vivi o mundo em que viveram o kaiser Guilherme II, da Alemanha, o imperador Francisco José da Áustria-Hungria, Clemenceau, Poincaré; Chamberlain, Lloyd George, o Czar Alexandre III, o presidente Wilson, Sun Yat Sen, Lênin, para chegar à fase em que viveram Hitler, Mussolini, Roosevelt, Stalin. No Brasil atravessei justamente o tempestuoso período do tenentismo, na agonia da República oligárquica; do Modernismo, em literatura e nas artes; da revolução de 30, do movimento de 1932, do levante

rumos da luta

um jornal a serviço da classe operária e camponesa

APOIE O JORNAL RUMOS DA LUTA!

Para viabilizar os custos do nosso jornal por mais um ano, seguimos com o nosso plano de assinaturas únicas de apoio, no valor de R\$ 100 (cem reais), com a qual você passa a receber mensalmente em sua casa 12 edições do Rumos da Luta e assim também contribui com a publicação da URC.

Se você tiver interesse em assinar e nos apoiar, envie e-mail para rumosdaluta@gmail.com ou pelo site www.novacultura.info/jornal



Dolores Ibárruri: a voz da resistência antifascista

Isidora Dolores Ibárruri Gómez, conhecida mundialmente como “La Pasionaria”, “A Apaixonada” ou “A flor da Paixão”, nasceu em 9 de dezembro de 1895, em Gallarta, no País Basco, em uma família de mineiros. Desde cedo testemunhou as condições precárias da classe operária, experiência que moldou sua consciência política.

Muito jovem, aos 21 anos de idade, em 1918, casou-se com Julián Ruiz, a contragosto de seus pais, que não aprovavam as ideias socialistas do futuro genro. Nesse mesmo ano, nasce sua primeira filha, Esther, que morre ainda bebê. Teve outros filhos: em 1920 nasce Rubén e em 1923 dá à luz a trigêmeas, das quais somente uma sobrevive, Amaya.

Em 1920, ingressou no recém-criado Partido Comunista da Espanha (PCE), tornando-se rapidamente uma de suas dirigentes mais ativas. Jornalista e agitadora, adotou o pseudônimo “Pasionaria” ao assinar artigos de combate, nos quais denunciava a exploração capitalista e defendia os direitos dos trabalhadores e das mulheres.

Dolores costumava andar sempre com roupas de cor preta, num luto permanente pela morte das pessoas queridas. Através da escrita, Dolores difunde seus ideais. Era excelente escritora e oradora. Seus textos publicados nos panfletos e boletins do Partido influenciavam e incitavam grandes massas.

Nos anos da ditadura de Primo de Rivera (1923–1930), sua militância comunista foi duramente perseguida. Dolores viveu parte desse período na clandestinidade, sendo presa diversas vezes. Ainda assim, consolidou-se como liderança popular no País Basco e além.

Com a proclamação da Segunda República (1931), Ibárruri intensificou sua atuação. Em 1936, foi eleita deputada pelo PCE nas Cortes republicanas. No mesmo ano, após o golpe militar de Francisco Franco, assumiu papel central na Guerra Civil Espanhola. Seus discursos inflamados em defesa da República ecoaram pelo mundo, tornando-se símbolo da resistência antifascista. Foi nesse contexto que pronunciou a célebre frase “¡No pasarán!”, (Não passarão) em Madri, um chamado à luta que atravessou fronteiras.

A derrota republicana em 1939 a obrigou ao exílio na União Soviética, onde viveu quase quatro décadas. Mesmo longe da Espanha, continuou a dirigir o PCE, chegando a ocupar os cargos de secretária-geral (1942–1960) e depois presidente do partido. De Moscou, denunciou a ditadura franquista e manteve viva a chama da resistência clandestina dentro da Espanha. Com a morte de Franco em 1975 e a transição democrática, Dolores retornou ao país natal em 1977, após 38 anos de exílio. Foi eleita novamente deputada pelo PCE, já

com 82 anos, e participou ativamente do processo de redemocratização.

Neste retorno à Espanha, Dolores Ibárruri se vinculou ao Eurocomunismo, tendência social-democrata que dominou o PCE, assim como vários partidos comunistas em todo o mundo. Ainda assim não deixamos de reconhecer a contribuição que deu à luta revolucionária do proletariado mundial.

Até sua morte, em 12 de novembro de 1989, em Madri, La Pasionaria foi reconhecida como uma das vozes mais poderosas contra o fascismo e pela emancipação da classe trabalhadora. Símbolo de coragem e de luta, sua trajetória permanece como referência para gerações de militantes e democratas no mundo inteiro.

Não lhe faltaram homenagens. Entre a multidão escutou-se a voz chorosa de Julio Anguita (camarada do PCE): “... Dizem, Dolores, que morreste! Que asneira! Vives em cada um dos que te amam, e são tantos! Comunista exemplar, és de todos: de todos que levantam o punho, de todo o povo; tu ensinaste que o Partido não se organiza para si próprio, mas para todos os oprimidos. Que exemplo para mulheres e homens, mulher cheia de ternura e de firmeza. Fecha os olhos e sonha com o teu povo! Dorme, companheira Ibárruri! Repousa, camarada Pasionaria.” Por sua vida e luta, salve La Pasionaria!

DEFENDER A REVOLUÇÃO CUBANA!

Cuba, o primeiro país que tomou o caminho do socialismo na América Latina, conseguiu superar o desastre da queda de grande parte do campo comunista no final do século XX e até hoje resiste mesmo com inúmeras dificuldades. É evidente, como já reconheceu o próprio presidente Miguel Díaz-Canel Bermúdez, que se reconhece as insatisfações do povo cubano, que cada vez mais se vê com dificuldades várias, como a crise econômica oriundo da suspensão do turismo devido à pandemia, a crise energética causada pelo embargo que impede o acesso cubano aos combustíveis, e outros problemas que a Revolução Cubana herda desde o período especial.

Mesmo com toda essa conjuntura desfavorável nos últimos anos, Cuba segue lutando firmemente contra a tentativa de manutenção da velha Doutrina Monroe ianque. Mesmo com a pandemia do novo coronavírus que golpeou todo o mundo, Cuba pode proteger a saúde de sua população, minimizando as mortes e garantindo o controle da doença, e ofertar os heroicos esforços de suas brigadas médicas a muitos povos do mundo. E com seus próprios recursos e sua ciência, foi capaz de desenvolver vacinas que vão poder imunizar todo o seu povo.

E como tem feito desde 1º de janeiro de 1959, o povo cubano e sua revolução seguirá resistindo e vencendo o imperialismo estadunidense: assim como o fez na Baía dos Porcos, assim como fez nestas décadas de bloqueio, de sabotagem, de ataques terroristas, de sequestros, de campanhas de subversão, de tentativas de assassinatos de líderes, enfim, se manterá mesmo diante da velha política ianque.

Por isso, é dever de todos os comunistas e democratas do nosso país defender abertamente a Revolução Cubana e seu povo diante de mais essa tentativa de guerra não convencional imposta pelos EUA, em sua estratégia mais ampla contra a América Latina, de derrubar os governos que se opõem mais decididamente e garantir mais uma vez a ampliação da superexploração dos latino-americanos e o saque das riquezas e recursos naturais do continente.

Devemos exigir o fim imediato do bloqueio genocida, que asfixia a economia cubana, viola os direitos humanos e impede o desenvolvimento soberano da ilha. É necessário mobilizar a opinião pública internacional, pressionar governos e organismos como a ONU para que condenem essa política criminoso. Assim como também atuar na denúncia das campanhas de desestabilização contra a Ilha desenvolvidas pelo imperialismo para ampliar a divulgação de mentiras e difamar a Revolução Cubana.

A União Reconstrução Comunista (URC) atua na construção do movimento de solidariedade à Cuba que diversos agrupamentos e organizações desenvolvem a nível nacional em nosso país. Uma das tarefas desse movimento é ampliar a solidariedade internacional com a Revolução Cubana e uma das tarefas é organizar brigadas de solidariedade para visitar e apoiar Cuba.



XXXI BRIGADA SUL-AMERICANA DE TRABALHO VOLUNTÁRIO E SOLIDARIEDADE COM CUBA

DE 25 DE JANEIRO A 7 DE FEVEREIRO DE 2026

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

ATRAVÉS DO E-MAIL: CONTATOBIGADASCUBA@GMAIL.COM
OU COM O MOVIMENTO DE SOLIDARIEDADE COM CUBA DO SEU ESTADO.